

Organizadoras

Adriana Barbosa Pereira
Karla Patricia Holanda Martins
Maria Manuela Assunção Moreno
Marleide Soares Pereira
Mônica Medeiros Kother Macedo

Andanças com Ferenczi

Territórios, estética e política

Blucher

GRUPO BRASILEIRO
DE PESQUISAS
SÁNDOR FERENCZI

ANDANÇAS COM FERENCZI

Territórios, estética e política

Organizadoras

Adriana Barbosa Pereira

Karla Patricia Holanda Martins

Maria Manuela Assunção Moreno

Marleide Soares Pereira

Mônica Medeiros Kother Macedo

Andanças com Ferenczi: territórios, estética e política

© 2026 Adriana Barbosa Pereira, Karla Patricia Holanda Martins, Maria Manuela Assunção Moreno, Marleide Soares Pereira, Mônica Medeiros Kother Macedo (organizadoras)
Editora Edgard Blücher Ltda.

COLEÇÃO SÁNDOR FERENCZI

Coordenadores da coleção: Daniel Kupermann, Jô Gondar
e Eugênio Canesin Dal Molin

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Lígia Alves

Diagramação Fabricando Ideias Design Editorial

Revisão de texto Equipe editorial

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Andanças com Ferenczi : territórios, estética e
política / org. Adriana Barbosa Pereira et al. – São
Paulo : Blucher, 2026.

288 p. : il. – (Coleção Sándor Ferenczi)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-2895-0 (Impresso)
ISBN 978-85-212-3089-2 (Eletrônico – Epub)
ISBN 978-85-212-3086-1 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise decolonial. 2. Ferenczi, Sándor,
1873-1933. I. Título. II. Série.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação **11**

*Adriana Barbosa Pereira, Karla Patricia Holanda Martins,
Maria Manuela Assunção Moreno, Marleide Soares Pereira e
Mônica Medeiros Kother Macedo*

Parte I – Por uma psicanálise decolonial

Com Ferenczi, por uma psicanálise decolonial
Jô Gondar 19

“Comércio amigável com o mundo dos espíritos”: alteridade e
permeabilidade entre os seres
Thais Klein 33

O complexo de vira-lata: identificação com o agressor, auto-ódio
e “pulsão de repouso” (*Ruhetrieb*)
Daniel Kupermann 45

Parte II – Experiência estética e corpos afetados

Entre a política e a poética: a perspectiva clínica de Ferenczi
Hélia Borges 63

Eu sou uma arara, eu sou um rio: experiência estética e testemunho diante da catástrofe	
<i>Adriana Barbosa Pereira</i>	73
Catástrofe e profecia: o corpo e a voz na paisagem do sertão cearense	
<i>Karla Patricia Holanda Martins</i>	85
Partilha da luta pela terra	
<i>Heloiza Abdalla</i>	101
Unland e a dimensão de testemunho na arte contemporânea de Doris Salcedo: interlocuções com a psicanálise	
<i>Anelise Hauschild Mondardo e Ana Lúcia Mandelli de Marsillac</i>	113
A cor e a catástrofe: uma leitura do traumático na socialização da mulher negra	
<i>Bárbara Cesário Navega</i>	127
O desmentido na repercussão de casos de assassinatos de crianças negras no Brasil	
<i>Deane Barbosa de Jesus</i>	137

Parte III – Política como testemunho

Confusão de línguas entre o jurídico e o psíquico em mulheres que sofreram violência conjugal	
<i>Fernando da Silveira, Aline Souza Martins e Julia Garcia Durand</i>	151
“Identificação com o Agressor” a partir de Ferenczi: implicações individuais, comunitárias e sociais	
<i>Judit Mészáros</i>	163
A influência hipnótica dos líderes e a criação de uma realidade alternativa	
<i>Endre Koritar</i>	181

Sonhar e resistir: uma leitura ferenciana das narrativas oníricas em Primo Levi

Bibiana Massei Homercher e Mônica Medeiros Kother Macedo 201

Comunidades de luto: entre trauma e testemunho

Dora Musetti de Campos 213

Parte IV – Clínica e territórios

Andanças com Sándor Ferenczi pelas periferias de São Paulo: relato de uma experiência

Marleide Soares Pereira 227

As linguagens da ternura e da paixão como componentes do espaço escolar: professor para além da função normativa

Luiz Paulo dos Santos Monteiro e Marília Etienne Arreguy 239

A narração do impossível: autenticidade e complacência no trabalho com migrantes

Andrea Ciacchi 251

A experiência de tornar-se analista e os desafios desse percurso, a partir do conceito de catástrofe em Ferenczi

Ricardo Cavalcante e Cinthia Oliveira 263

Um elogio à dissidência

Caetano Rudá e Camila Flaborea 275

Sobre os autores 283

Apresentação

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente – a gente rende.
(Nêgo Bispo em *A terra dá, a terra quer*, 2024)

A coletânea de artigos que compõem este livro tem o intuito de ampliar os efeitos da 14ª *Conferência Internacional Sándor Ferenczi* “Psicanálise entre catástrofe e criação: perspectivas e movimentos”, realizada em São Paulo de 29 de maio a 1º de junho de 2024. Esse foi o primeiro grande evento internacional pós-pandemia organizado pelo Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi. Marcado pela alegria do reencontro presencial entre seus membros e outros colegas psicanalistas, reuniu mais de 900 pessoas motivadas à reflexão e à troca a partir das ideias de Sándor Ferenczi.

Os debates clínicos e políticos que ocorreram na conferência, nos mais de trezentos trabalhos inspirados pelo pensamento de Ferenczi,

apresentados oralmente, mobilizaram também a construção de memória e amplificação de suas ressonâncias em forma de textos. Essa intenção serviu de partida para a Coleção Sándor Ferenczi.

Neste terceiro volume da coletânea, *Andanças com Ferenczi: territórios, estética e política*, faz-se presente, nos capítulos que o compõem, um relevante fundo comum: o reconhecimento dos efeitos psíquicos das diversas faces da violência, da exclusão e da subalternização. Os temas são discutidos a partir do nosso incontornável compromisso empático do acolhimento dessas experiências de sofrimento, nos contextos nacional e internacional. Organizamos e compartilhamos textos que exploram formas mais horizontalizadas de viver, as quais sustentam relações de reconhecimento e cuidado com as diferenças, mobilizando constante flexibilização e transformação da clínica e do pensamento psicanalítico.

A vocação da psicanálise para intérprete da cultura e do ambiente, exercitada de forma original por Sándor Ferenczi, foi especialmente explorada nos capítulos deste livro, abrindo conversas de fronteira com a política, a antropologia, a sociologia e a estética. Partindo de suas andanças por territórios não clássicos para a psicanálise, Ferenczi legitimou questionamentos e denúncias sobre a crueldade da hipocrisia e da desumanização do semelhante.

Nessa direção, a primeira parte deste terceiro volume, intitulada “Por uma psicanálise decolonial”, desvela e problematiza os processos políticos, sociais e psíquicos de subalternização, ancorados na análise da subjetividade e no reconhecimento de processos alteritários presentes no campo psicanalítico. Jô Gondar resgata, no texto com o qual abriu a 14ª *Conferência*, a característica de plasticidade das ideias ferenczianas, e sua afinidade pela mistura, para sustentar uma psicanálise em interação com outros saberes e com o ambiente social e político. Trata-se de uma psicanálise que não se mantém “neutra” em relação aos sujeitos e aos grupos socialmente em

desvantagem, mas que se abre, às clínicas de rua e aos coletivos, espaços em que ela pode estar mais viva, afinada com o sofrimento individual e coletivo. Thais Klein, num diálogo com a antropologia e as epistemologias decoloniais, discute a ideia de alteridade justamente como uma experiência viva de permeabilidade entre seres. Daniel Kupermann explora, no texto de encerramento da conferência, os mecanismos de identificação com o agressor que se encontram na base dos processos de subalternização, propondo a potência delicada de uma metapsicologia da serenidade como figura de resistência, constituinte da comunidade de destino.

A segunda parte, “Experiência estética e corpos afetados”, tem como referência testemunhos coletivos diante das catástrofes e dos desmentidos históricos, considerados formas de resistência por meio da arte, da poética e da política. Os textos de Adriana Barbosa Pereira, Karla Patricia Holanda Martins, Heloiza Abdalla, Hélio Borges, Anelise Hauschild Mondardo, Ana Lúcia Mandelli Marsillac, Bárbara Cesário Navega e Deane Barbosa de Jesus discutem temas transversais aos processos de subjetivação de nosso tempo. Os temas envolvem o racismo, o machismo, a necropolítica, o colonialismo, as catástrofes ambientais, a cosmovisão indígena, o trauma da fome, a alienação na política, a educação, a saúde e o direito público, a partir de suas relações com a formação e atuação do psicanalista.

Na parte seguinte, intitulada “Política como testemunho”, o debate se aprofunda em torno das ideias fereczianas de confusão de línguas, identificação com o agressor e desmentido, referenciado nos fenômenos da violência conjugal, da influência hipnótica do líder e no trabalho com o trauma realizado nas comunidades de luto. As narrativas oníricas de Primo Levi são aqui retomadas para indicar o imperativo da escrita como forma de resistência do sujeito à morte psíquica e aos violentos processos de dessubjetivação. Fernando da

Silveira, Aline Souza Martins, Julia Garcia Durand, Judit Mészáros, Endre Koritar, Bibiana Massem Homercher, Mônica Medeiros Kother Macedo e Dora Mussetti de Campos são autores e autoras que propõem esse debate.

Na quarta e última parte deste livro, “Clínica e territórios”, Marleide Soares Pereira, Luiz Paulo dos Santos Monteiro, Marília Etienne Arreguy, Andrea Ciaci, Ricardo Cavalcante, Cinthia Oliveira, Caetano Rudá e Camila Flaborea discutem a clínica psicanalítica partindo de suas andanças por diferentes territórios periféricos em São Paulo, em escolas públicas do Rio de Janeiro e do trabalho com refugiados e migrantes na Europa. Em comum, autores e autoras afirmam uma referência ética aos processos de autenticidade que constroem a experiência de tornar-se analista em territórios marcados pela desigualdade e injustiça social.

Esperamos que a leitura deste livro possa instigar vivacidade e criatividade, inspirados na qualidade dos diálogos, na mutualidade dos afetos e na esperança compartilhada que marcaram a os debates no evento em São Paulo.. Em cada capítulo é possível encontrar uma linha de referência à postura de Sándor Ferenczi na construção e defesa de uma psicanálise genuinamente implicada nos desafios próprios do seu tempo. As quatro partes que compõem este livro testemunham a grandeza e o vigor de uma obra que segue além do tempo de seu autor.

Com Ferenczi e outros saberes, essa coletânea de “línguas soltas” encontra a diversidade dos sotaques dos diferentes territórios, inclusive geográficos, de onde vem o valor da mistura, da heterogeneidade e da potência da cultura quando não recua, mas, ao contrário, se move em direção ao reconhecimento daquilo que um dia foi silenciado. Fica, portanto, o convite e a expectativa de que a leitura destas páginas, fruto da convergência de pesquisadores de vários lugares do Brasil e de outros cantos do mundo, sirva de inspiração para produzir

novos ecos que nos deem, cada vez mais, recursos para desvelar e enfrentar o poder destrutivo e devastador do silenciamento e da desumanização, consolidando o espírito do GBPSE.

Adriana Barbosa Pereira

Karla Patricia Holanda Martins

Maria Manuela Assunção Moreno

Marleide Soares Pereira

Mônica Medeiros Kother Macedo

PARTE I

Por uma psicanálise decolonial

Com Ferenczi, por uma psicanálise decolonial

Jô Gondar

Gostaria de transmitir, na abertura da 14^a Conferência Internacional Sándor Ferenczi¹, o espírito que está nos movendo neste evento. Posso afirmar, de saída, que nossa proposta não é defender uma psicanálise ferencziana. Tanto a ISFN quanto o GBPSF são organizações inclusivas, formadas por analistas ou pesquisadores com diferentes formações que não estão subordinados a Ferenczi, mas encontram nele um companheiro de percurso e uma fonte de profunda inspiração.

Ferenczi foi proscrito do meio psicanalítico a partir do início dos anos 1930, devido a todas as críticas que fez ao dispositivo psicanalítico e às inovações que propôs ao método, pensamento e clínica da psicanálise. Não havendo condições subjetivas, coragem ou vontade política de incluí-las no pensamento e no dispositivo psicanalítico, ele sofreu o que chamamos hoje de “cancelamento”.

Uma dessas inovações se refere à libertação dos purismos, dos dogmatismos e das palavras de ordem que se impunham nas formações psicanalíticas. Ferenczi foi um adepto das misturas em diversos

1 Tratando-se da abertura de um congresso, foi mantido, na medida do possível, o tom oral da apresentação.

planos: apreciava o que hoje chamamos de transdisciplinaridade, pensava que a psicanálise deveria se adequar às transformações sociais, políticas e subjetivas de cada época e propunha uma quebra de hierarquias, tanto na construção teórica quanto na clínica. Por isso mesmo, situá-lo num lugar de mestria, estabelecer um séquito de discípulos repetindo suas frases como mantras, favorecer uma adesão acrítica aos seus conceitos – isso seria trair a abertura que ele foi capaz de nos trazer. Nossa proposta é, ao contrário, desenvolver e levar mais longe a disposição para a diversidade que Ferenczi nos legou.

A 14ª Conferência está sendo realizada no Brasil, um país onde o interesse por Ferenczi só tem crescido. O GBPSF começou com vinte pessoas na última Conferência Internacional, em Florença. Hoje somos mais de trezentos. Por que há tanto interesse por Ferenczi no Brasil, me perguntou um dia Judit Mészáros, principalmente entre os jovens? De fato, as inspirações criativas de Ferenczi aqui se expandem com facilidade. Talvez porque seu modo de pensar e praticar a psicanálise nos fale muito de perto e potencialize algo que é nosso. Isso não vale só para o Brasil, mas para todos os países do sul, onde a psicanálise está muito viva: nos consultórios privados e públicos, nas clínicas de rua, nos coletivos, nos hospitais, nas universidades. As ideias de Ferenczi podem nos ajudar a pensar e a exercer uma psicanálise adaptada ao nosso tempo e à nossa própria maneira – uma psicanálise com perspectiva decolonial.

Mas como Ferenczi, um europeu, poderia nos fazer avançar na direção de uma decolonialidade? A questão é que a Europa nunca foi um bloco unívoco. O Império Austro-Húngaro, por exemplo, onde nasceram Freud e Ferenczi, era composto por diferentes Europas. Os Habsburgos austríacos tiveram um domínio de mais de 150 anos sobre a Hungria, e a violência dessa dominação deixou sequelas traumáticas não digeridas pelos húngaros. Pode-se entender que isso não fizesse questão para Freud; Ferenczi, contudo, tendo crescido num ambiente marcado pela opressão austríaca, experimentou a

imposição de outras formas de vida sobre si. Isso se traduziu, em seu pensamento clínico, numa crítica às relações de poder produzidas pelo dispositivo psicanalítico e numa atenção especial às situações traumáticas.

Uma psicanálise com perspectiva decolonial não é uma proposta somente dos países do sul. A colonialidade implica o aprisionamento da psicanálise a certos ditames políticos e epistemológicos da modernidade que limitam sua capacidade de entender e de intervir no sofrimento subjetivo, impedindo que os analistas possam estar à altura dos problemas do seu tempo. Certos pressupostos da psicanálise fizeram parte do momento em que ela foi criada – a modernidade –, porém muitos analistas ainda querem mantê-los na clínica que exercem hoje. Contudo, esses pressupostos não dão mais conta dos problemas do nosso tempo: as questões de gênero, o problema dos racismos, as mudanças climáticas, tudo isso está nos fazendo rever alguns conceitos da teoria psicanalítica, referidos a uma ideia de humano que não se sustenta mais.

Apresento aqui alguns exemplos: reduzir as questões das mulheres à inveja do pênis; as questões dos negros a um narcisismo das pequenas diferenças – quando se sabe que ao desumanizar alguém as diferenças deixam de ser pequenas; acreditar que as questões climáticas não dizem respeito à psicanálise, já que o clima é algo da ordem da natureza, e não da cultura. Esse modo de pensar e de conceber o humano decorre de um determinado contexto e não é capaz de ultrapassar o horizonte de uma época que se convencionou chamar de modernidade. Os povos que sofreram a colonização percebem mais facilmente o lado opressivo da modernidade do que aqueles que não o foram, mas a tentativa de desconstrução dessas concepções redutoras é de todos nós.

O que se entende por uma psicanálise com perspectiva decolonial? O termo decolonial não se refere aqui a uma desconstrução do colonialismo histórico, pois esse já terminou. Apesar disso, a lógica

global de hierarquizar ou desumanizar certos grupos, depreciando seus modos de vida e seus saberes, continuou existindo. Hoje, essa lógica se exerce principalmente no plano cultural e epistemológico. É o que se chama colonialidade do saber (Mignolo, 2017): ela se exerce, atualmente, na manutenção e na transmissão de certos modos de pensar e de sentir o mundo, de modos de relação com as pessoas e com a natureza, na transmissão de normas de gênero, enfim, na produção de subjetividade. A psicanálise está inserida nessa transmissão, herdada da modernidade. O que se chama hoje de decolonialidade se refere ao movimento de denúncia e de libertação dessa lógica, dos pressupostos dos saberes através dos quais as práticas coloniais continuam se exercendo.

Nos anos 1970 e 1980, surgiu um movimento pós-colonial, principalmente nos países de colonização inglesa, como os Estados Unidos e a Índia. Esse movimento utilizava teorias europeias contemporâneas, como a filosofia da diferença e a psicanálise, para desconstruir o pensamento colonial. É uma lógica semelhante à que tem sido usada por algumas vertentes da psicanálise, principalmente da psicanálise francesa; essas vertentes vão usar os conceitos psicanalíticos para criticar o colonialismo. No meio psicanalítico, esses são os trabalhos mais comuns sobre o problema da colonialidade.

Um pouco mais tarde, nos anos 1990, surgiu outro movimento, agora chamado decolonial, proveniente dos países latino-americanos. A ideia era trabalhar não apenas com as ideias europeias mas também com os saberes locais, os saberes dos povos originários e dos povos pretos, para confrontar as epistemologias mestras e a colonialidade do saber (Maldonado-Torres, 2008). Se transpusermos o modo de agir desse movimento decolonial para o nosso campo, podemos perguntar: ao invés de usar a psicanálise como ferramenta para criticar outros saberes – pois isso não muda nada e apenas confirma o que já conhecemos – não poderíamos usar as ferramentas que provêm de outros saberes para repensar a psicanálise?

Parece que essa segunda forma – rever a psicanálise a partir de saberes exteriores a ela – foi a que Ferenczi praticou em *Thalassa* (1993 [1924]) ao propor uma bioanálise. Em vez de manter a psicanálise num lugar inquestionável, como juiz dos outros campos, ele se dirigiu para fora dela, usando outros saberes para tensioná-la e alargá-la. Ao invés de se preocupar com o que seria uma verdadeira psicanálise ou uma psicanálise pura, Ferenczi não teve medo de sujá-la, de misturá-la, de hibridizá-la.

Em seu prefácio imaginário para *Thalassa*, Leonardo Câmara (2018) indica como Ferenczi usou, nas teses desse livro, uma mistura inusitada e paradoxal entre o simbólico e o orgânico, entre teorias antigas e modernas, juntamente com mitos, aforismos de Nietzsche, referências sobre o comportamento dos animais, achados clínicos e conceitos da metapsicologia. Se um livro como *Thalassa* fosse escrito hoje, ele talvez pudesse incluir, para tensionar a psicanálise, as ideias de Judith Butler, Achille Mbembe, Paul Preciado e David Kopenawa, para citar apenas alguns.

O grupo mais importante do movimento decolonial chama-se Modernidade/Colonialidade. Sua tese principal é a de que a retórica da modernidade esconde a lógica da colonialidade, ou seja, que a colonialidade é o lado oculto da modernidade (Mignolo, 2017). Isso significa que a modernidade, época considerada como de um grande salto no desenvolvimento humano, quando apareceram os grandes avanços da civilização – o Renascimento, o humanismo, o iluminismo, a ciência experimental e as ciências humanas –, e mesmo a psicanálise, foi também o período em que mais se exerceu a violência colonial. De acordo com o grupo Modernidade/Colonialidade, isso não é simplesmente uma coincidência temporal. A modernidade, com todas as suas conquistas, só pôde acontecer porque se apoiou na colonialidade (Mignolo, 2017).

Alguns exemplos: surge nessa época a defesa do humanismo, ao mesmo tempo que se considera africanos e indígenas como não

humanos; o pensamento iluminista teve seu apogeu no século XVIII, que foi também o século de apogeu da escravatura; filósofos como Locke, Rousseau e Hegel defenderam a liberdade como valor supremo, mas toleraram a escravatura e muitas vezes a defenderam (Buck-Morss, 2009).

Aqui entra a parte que nos interessa, já que a psicanálise também é fruto da modernidade. A colonialidade, para além de todas as formas de exploração e dominação pelas quais se tornou conhecida, foi também uma forma de dominação subjetiva e epistemológica. Sobre ela se estruturaram a noção moderna de sujeito, o conceito de Estado, o racionalismo e mesmo a lógica dialética. Negri e Hardt explicam bem esse processo. O mundo colonial, escrevem eles, é um mundo dividido em dois (Negri & Hardt, 2000). É um mundo que opõe a metrópole à colônia, o branco ao negro e ao indígena, a cultura à natureza, o masculino ao feminino. A lógica da colonialidade é uma lógica de oposições, uma lógica do número dois.

Essa forma de pensar teve início na modernidade, como nos conta Bruno Latour em *Jamais fomos modernos* (1994). Todo o pensamento moderno dividiu o mundo em duas partes que se opunham. Uma dessas oposições, contudo, foi a principal, funcionando como solo para todas as outras – a oposição entre natureza e cultura, necessária para o colonialismo e para o surgimento da ciência moderna. Graças a ela, o homem pôde pretender tornar-se senhor e possuidor da natureza. A partir dessa primeira polarização, as demais puderam ser estabelecidas.

A lógica colonial aparece na psicanálise através da presença de dualismos hierárquicos: natureza e cultura, masculino e feminino, corpo e psique, corpo e linguagem. É, porém, a partir do primeiro deles, aquele entre natureza e cultura, que todos os outros se estabelecem. Vamos falar desse primeiro dualismo.

Quando os europeus chegaram à América, possuíam uma ideia de natureza que não correspondia ao que encontraram ali. Os povos

originários apresentavam uma concepção sobre a terra e o meio ambiente que não se separava das regras de cultura e sociabilidade que possuíam. O melhor exemplo seria o do termo *pachamama*, modo como em algumas sociedades indígenas se entendia a relação com a vida, com a energia que engendra e mantém a vida – o que pode ser traduzido, de maneira aproximada, como mãe terra. Todos dependem da *pachamama*. Nessa concepção, não há separação entre natureza e cultura. Como as pessoas se veem dentro de *pachamama*, e não fora dela, não haveria sentido pensar em dominá-la ou controlá-la. Por isso mesmo, foi crucial, no início do colonialismo, descartar a ideia de *pachamama* para implantar nas Américas o conceito europeu de natureza, conceito que punha de um lado a natureza, e de outro a cultura e o mundo humano (Mignolo, 2017).

Essa separação coincide, não por acaso, com a revolução científica do século XVII. Francis Bacon afirmou, nesse século, que a natureza estava ali para ser dominada pelo homem. Com Descartes, essa oposição fica ainda mais radical e se torna o centro da revolução científica, do racionalismo e do pensamento moderno. O sujeito pensante, por meio da ciência, seria capaz de penetrar os mistérios do mundo natural, tornando-se assim “senhor e possuidor da natureza”. Era justamente o que era feito no colonialismo: os europeus afirmavam o seu domínio e o seu conhecimento sobre a natureza e sobre os selvagens, seres primitivos, irracionais, ligados à natureza.

Com isso, a *pachamama* deixou de ser um ambiente em que os homens habitavam e garantiam suas vidas para se transformar em fornecedora de recursos naturais (p. ex., açúcar, tabaco, algodão) que poderiam ser extraídos para serem vendidos num grande mercado. Essa transformação de *pachamama* em repositório de recursos naturais persiste até hoje, quando até a água se tornou uma mercadoria engarrafada.

A psicanálise também bebeu dessa fonte, ou melhor, dessa água engarrafada. O estruturalismo francês, por exemplo, foi construído a

partir da divisão natureza/cultura, e a psicanálise francesa mantém essa divisão. O mito proposto por Freud em *Totem e tabu* também apresenta como base a separação entre natureza e cultura, narrando a passagem da condição de natureza para a civilização, em torno da figura do Pai. A partir da oposição principal entre natureza e cultura, outros dualismos foram adotados: corpo e psique, masculino e feminino, corpo e linguagem. Na psicanálise, costuma-se enfatizar tudo aquilo que nos diferencia dos animais: pulsão em vez de instinto, linguagem, inconsciente, cultura e até mesmo normas de gênero.

A separação entre natureza e cultura tem sido posta em xeque em tempos de Antropoceno, quando se reconhece que a ação humana participa e degrada o ambiente geológico e climático. Quando destruímos a natureza, destruímos igualmente o ambiente em que podemos viver, e destruímos a nós mesmos. Estamos sendo obrigados a relativizar os privilégios que imaginávamos ter sobre a natureza; estamos sendo obrigados a ampliar a nossa concepção de ambiente, e mesmo a nossa concepção de “nós”. Quem, enfim, somos “nós”? “Para alguns de ‘nós’”, responde Ailton Krenak (2019), “o ‘nós’ inclui as pedras, as montanhas e os rios”, numa rede de interdependência. Essa interdependência engaja humanos, não humanos, a atmosfera, o mar, as condições da Terra, e mesmo “o direito universal à respiração”, como propõe Achille Mbembe (2021).

E o que Ferenczi tem a ver com isso? Ele foi um analista extemporâneo que sempre defendeu uma transposição de fronteiras entre natureza e cultura, entre psicanálise e outros saberes, uma transposição de fronteiras na clínica e na constituição subjetiva. Isso aparece claramente em *Thalassa*, quando Ferenczi apresenta sua proposta de uma bioanálise, onde articula – no mínimo – psicanálise e biologia. Os analistas encararam com espanto. Freud afirmou (1933, p. 228) que “foi talvez a mais ousada aplicação da psicanálise que já se tentou”. E admite: “É provável que um dia, no futuro, haverá realmente uma ‘bio-análise’, conforme profetizou Ferenczi, e ela terá que remeter-se

ao seu ensaio” (p. 228-229). Um ensaio que pensa natureza e cultura como inseparáveis, considera as relações antes das posições e dos lugares, e abre mão do número dois para enfatizar a multiplicidade.

A bioanálise é o que se chamaria hoje de campo transdisciplinar, um campo que aceita e acolhe as misturas. Não se trata de uma aplicação da psicanálise à biologia, nem de um retorno idílico (e moralista) à natureza. O modo de relação entre natureza e cultura proposto em *Thalassa* não estaria distante daquele que Latour (2020) pensaria quase cem anos depois: uma composição instável. Um modo de juntar as coisas que não produz uma síntese, nem uma fusão, nem a absorção de uma coisa pela outra. Uma composição instável entre preto e branco, por exemplo, não resulta num cinza, nem num domínio de uma cor sobre a outra, mas percorre uma multiplicidade de matizes entre preto e branco. Ora, a bioanálise também põe em jogo uma composição instável. Ela lança uma investigação sobre a multiplicidade de formas de existir: os argumentos vão se conectando e se somando, mesmo que pareçam contraditórios; o pensamento vai se construindo numa série de volteios e derivas, sem pressupor um ponto de vista soberano, capaz de organizar toda a argumentação.

O método de trabalho ferencziano é chamado de utraquista – que significa “uns e outros”. Ele se caracteriza justamente pelo franqueamento das fronteiras e oposições para privilegiar as multiplicidades e os limiares, ao invés dos limites definidos pelas dicotomias e os dualismos.

Foi esse o método utilizado em *Thalassa*, onde nos é apresentado um mito de origem de feição materna, bem diverso do *Totem e tabu* freudiano. Sua questão não é o parricídio ou a castração, mas o surgimento da vida no mar. A vida teria proliferado a partir de uma série de catástrofes que a obrigou a inventar novas formas, tornando-se cada vez mais rica e complexa. Daí o título dessa 14ª Conferência Sándor Ferenczi, “Entre catástrofe e criação”. É nesse “entre” que a vida inventa maneiras de se manter e de se expandir. Isso implica

pensar que a cultura e as sociedades humanas não foram instituídas a partir de uma lei ou de um parricídio originário, mas surgiram como possibilidades de expansão da vida.

Passar da Lei para a vida muda muita coisa na psicanálise. Para começar, muda toda a configuração edípica clássica: a mãe deixa de ser uma figura associada à indiscriminação e ao caos; e o pai deixa de ser a potência separadora que institui a ordem simbólica, sem a qual estaríamos perdidos, sucumbindo num estado de fusão primordial. Essa diferenciação é importante: misturar não é fundir. A ideia de fusão pressupõe a necessidade de algo que venha para separar, um princípio purificador que, na psicanálise clássica, é o Pai. Ele se torna fundamental quando se pretende que a cultura deve dominar a natureza, o simbólico deve predominar sobre o orgânico, a mente deve predominar sobre o corpo. Mas não é com essas divisões que Ferenczi trabalha, a partir do seu método utraquista. A mistura à qual ele alude não é sinônimo de indiscriminação ou falta de rigor. É um método de trabalho e uma ética de relações. Nessa ética, o pensamento único, a defesa da pureza (quando se discute, p. ex., o que é uma verdadeira psicanálise), a manutenção das fronteiras e dos binarismos, tudo isso se mostra não somente pobre como também perigoso. É hipócrita, como afirma Ferenczi. Hipócrita e pretensioso. Pascal já tinha dito que o homem não é o único animal que pensa, mas é o único animal que pensa que não é animal.

Privilegiando as misturas, Ferenczi criou noções que implicam o atravessamento das fronteiras e dos dualismos: símbolo orgânico, an-fimixia, materializações históricas, “sentir com”. Ainda que a tradução correta de *Einfühlung* seja “sentir dentro”, gostaria de manter aqui o “sentir com” por ser mais conhecido no Brasil e por valorizar o aspecto relacional da experiência.

Têm ficado claro para nós, a partir das mudanças climáticas, das lutas antirracistas e feministas, os efeitos de dividir o mundo em duas partes. Eles não são desprezíveis no exercício da psicanálise.

Privilegiar a mistura significa não ter medo dela nem na teoria, nem na situação analítica, não pensar em termos de Eu e Outro, sujeito e objeto, mas na relação como condição primeira.

A mistura aparece de forma muito nítida no texto sobre a “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1992 [1928]): o analista deve falar a língua do paciente, deve entrar no seu universo atmosférico, deve se colocar no diapasão do analisando, ou, na leitura feita por Pierre Fédida (1986), deve criar com o paciente um acorde musical. Isso é mistura, mas não é fusão. Porque um acorde implica, ao mesmo tempo, ressonância e discernimento das tonalidades, simetria e dissimetria. A atitude de abertura para a composição com o paciente é mais complexa e mais sutil do que uma fusão, ou mesmo do que uma relação especular; ela é uma composição instável e envolve o movimento de ir e vir, que Ferenczi indica quando escreve sobre o trabalho psíquico do analista: ele fala de uma oscilação perpétua entre sentir com, auto-observação e capacidade de julgamento (Ferenczi, 1992 [1928]).

Com isso, ele nos transmite uma nova sensibilidade clínica, mais flexível, mais desarmada e mais porosa. No Brasil, temos – principalmente os mais jovens – muita simpatia pelo modo de sensibilidade que Ferenczi propõe. Há algo nele que nos fala de perto. Não possuímos uma identidade, nem somos afeitos ao atavismo, mas temos uma disposição para a mistura – uma maneira particular de fluir, uma disposição sem fixidez, uma tendência ao oscilatório e ao improvisado. Temos ginga: um movimento com balanço que vem da capoeira, e que só funciona ao se levar em conta o movimento e o balanço do outro (Canavêz & Gondar, 2024).

Quando falo em mistura no Brasil, não estou defendendo a ideia de mestiçagem, pois ela acaba funcionando como negação do racismo. O Brasil costuma ser caracterizado aqui mesmo e em outros lugares como um país da mestiçagem, onde todas as raças se fundem e convivem como se estivessem numa grande família. Isso é falso. O racismo brasileiro existe, embora não apareça de maneira

tão explícita quanto em outros países. Aqui existe um racismo *dementido* (Gondar, 2022), noção que serve bastante bem para analisar o que acontece no país no plano social e político.

A psicanálise brasileira tem recebido com simpatia a plasticidade ferencziana. Talvez porque ela não seja tão desconhecida para nós. Tivemos que nos misturar com outros povos e nos adaptar a regras que nos foram impostas, tivemos que nos adequar – ou escapar – de muitas formas de desmando. Isso também nos deu plasticidade. Para nós não é tão difícil trabalhar de maneira diferente conforme as necessidades do analisando, mesmo que para isso tenhamos que desobedecer, em parte, aquilo que foi nos ensinado. Plasticidade quer dizer elasticidade na técnica, mas também abertura para as modificações no *setting* e até para o desafio de um trabalho em equipe nos serviços públicos de atendimento, onde os analistas precisam ter muito jogo de cintura para se ajustar ao tipo e às situações diversas da sua clientela.

Freud propôs, no Congresso de Budapeste (2018), a possibilidade de fundir o ouro puro ao cobre de uma psicanálise adaptada às circunstâncias. Nosso desafio hoje vai além. Estamos sendo convocados a uma plasticidade maior e, nesse caso, como sugeriu Eugênio Dal Molin, talvez tenhamos que reconsiderar quais são, afinal, os metais mais valiosos.

Essa plasticidade, pela qual as ideias ferenczianas fazem acorde com a psicanálise sul-americana, é a ginga e a milonga da clínica. É justamente onde a psicanálise é capaz de gingar, onde ela pode interagir com outros saberes e com o ambiente social e político, onde ela não se mantém “neutra” em relação aos sujeitos e aos grupos socialmente em desvantagem, onde ela se abre às clínicas de rua e aos coletivos (Gabarron-Garcia, 2023), é nesses espaços que ela pode estar mais viva, atualizando seus meneios e sua multiplicidade vigorosa, afinada com o sofrimento individual e coletivo. Talvez por isso ela esteja tão viva no Brasil. E talvez por isso Ferenczi seja tão bem

recebido entre nós. Nessa afinidade com a mistura, suas ideias nos ajudam a pensar e a exercer a psicanálise à nossa própria maneira. É um caminho que podemos trilhar com Ferenczi, não como um guia, mas como um companheiro, ao nosso lado.

Referências

- Buck-Morss, S. (2009). *Hegel, Haiti, and universal history*. University of Pittsburgh Press.
- Câmara, L., & Herzog, R. (2018). Um prefácio imaginário para *Thalassa. Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 244-260.
- Canavêz, F., & Gondar, J. (2024). Sob o signo da inconstância: alguns pontos sobre a psicanálise que ginga. In F. Canavêz & J. Birman (Orgs.), *Psicanálise à brasileira* (pp. 57-66). Devires.
- Fédida, P. (1986). *Communication et représentation: nouvelles sémiologies en psychopathologie*. PUF.
- Ferenczi, S. (1924). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. In S. Ferenczi, *Psicanálise III* (Obras completas; 1993; pp. 255-325). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (Obras completas; 1992; pp. 25-36). Martins Fontes.
- Freud, S. (1918). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. *ESB*, 17, 157-168.
- Freud, S. (1933). Sándor Ferenczi. *ESB*, 22, 227-229.
- Gabarron-Garcia, F. (2023). *Uma história da psicanálise popular*. Ubu.
- Gondar, J. (2022). Um racismo desmentido. In E. Reis & J. Gondar, *Com Ferenczi: o coletivo na clínica – racismo, fragmentações, trânsitos* (pp. 31-42). Zagodoni.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.

- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Editora 34.
- Latour, B. (2020). Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Ubu.
- Maldonado-Torres, N. (2008). Descolonización y el giro des-colonial. *Tabula Rasa*, 9, 61-72.
- Mbembe, A. (2021). The universal right to breathe. *Critical Inquiry*, 47(S2) S58-S62.
- Mignolo, W. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), 1-17.
- Negri, A., & Hardt, M. (2000). *Empire*. Harvard University Press.

Os textos que compõem *Andanças com Ferenczi: territórios, estética e política* têm um fundo comum: o reconhecimento dos efeitos psíquicos das diversas faces da violência, da exclusão e da subalternização intersubjetivas, sociais e climáticas.

Os temas são discutidos a partir do pensamento de Ferenczi, com destaque para uma de suas principais heranças: o compromisso empático com o testemunho. Como não se trata apenas do reconhecimento das catástrofes e dos traumas que nos assolam – apesar de isso não ser pouco –, os textos apontam também para a invenção de formas mais horizontalizadas de viver, apostando em relações de reconhecimento e cuidado com as diferenças que mobilizam constantes flexibilização e transformação da clínica e do pensamento psicanalítico.

Coleção Sándor Ferenczi

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2895-0



9 788521 228950



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Andanças com Ferenczi

Territórios, estética e política

Adriana Barbosa Pereira, Karla Patricia Holanda Martins,
Maria Manuela Assunção Moreno, Marleide Soares Pereira,
Mônica Medeiros Kother Macedo (Org.)

ISBN: 9788521228950

Páginas: 288

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026